



Telenovela e telejornalismo: as fronteiras realidade e ficção no consumo midiático brasileiro¹

Hideide Brito Torres²

Iluska Coutinho³

Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Resumo

Neste artigo, a proposta é avaliar a recepção, apropriação e consumo de uma cena da telenovela "Duas Caras" (Rede Globo) em outros produtos que compõem o circuito midiático, particularmente nos conteúdos (tele)jornalísticos (programa Domingo Espetacular, da Rede Record). A partir dos estudos culturais britânicos, em um diálogo possível com a abordagem do agendamento, apresenta-se uma reflexão sobre a incorporação da agenda ficcional como estratégia de comunicabilidade de outra esfera da cultura midiática – a jornalística.

Palavras-chave

Palavras-Chave: 1. Telenovela 2. Telejornalismo 3. Identidade.

Introdução

Uma fiel fervorosa, evangélica (Edivânia, interpretada por Suzana Ribeiro), comanda a invasão de uma residência na favela Portelinha, no Rio de Janeiro. Inconformados com a estrutura familiar dos moradores da casa – espécie de triângulo amoroso entre um homossexual masculino (Bernardinho, interpretado por Thiago Mendonça), um homem (Heraldo, personagem de Alexandre Slaviero) e uma mulher (Dália, na atuação de Leona Cavalli) – os invasores gritam palavras de ordem associadas a hinos religiosos e esfaqueiam um colchão *king size*, eleito o símbolo do pecado. A cena, cuja descrição acaba por esvaziar sua potencialidade narrativa, audiovisual, foi veiculada em horário nobre pela Rede Globo de Televisão, na telenovela Duas Caras – gênero cuja promessa ontológica (JOST, 2006) pertenceria ao mundo da ficção.

Propomos analisar aqui a recepção, apropriação e consumo desta cena em outros produtos que compõem o circuito midiático, particularmente nos conteúdos (tele)jornalísticos. A partir dos estudos culturais britânicos, em um diálogo possível com a abordagem do agendamento, apresenta-se uma reflexão sobre a incorporação da agenda ficcional como estratégia de comunicabilidade de outra esfera da cultura midiática – a jornalística.

¹ Trabalho apresentado DT 4 – Comunicação Audiovisual do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Mestranda do PPG em Comunicação da UFJF, e-mail: hideide@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Doutora, professora do PPG em Comunicação da UFJF. E-mail: iluskac@globocom.com.



A hipótese do agenda-setting

Ainda que de forma empírica e sem uma metodologia criteriosa que pudesse validar suas análises cientificamente, Theodore White já expressava, em 1972, um dos pontos-chave da hipótese do *agenda-setting*: o papel (ou função) de agenda dos meios de comunicação de massa. Ou melhor, apesar da referência aos meios, de forma genérica, o objeto desses estudos é o chamado gênero informativo, jornalístico. A hipótese do *agenda-setting*, com esta denominação, surge exatamente no início da década de 1970, num trabalho de McCombs & Shaw sobre o papel dos *media* na formação e mudança de cognições⁴. Para muitos estudiosos, pesquisar a relação causal entre a agenda midiática e a agenda pública representava um regresso à problemática dos efeitos⁵. A vinculação causal entre os conteúdos divulgados pelo jornalismo e os temas de interesse comum na sociedade já era estudada por outros pesquisadores desde a década de 20, embora sem a denominação *agenda-setting* que hoje marca os pressupostos.

A primeira pesquisa de que se tem registro foi publicada no livro “Public Opinion”, de Lippman (apud, 1922), considerado por McCombs a origem doutrinária desta hipótese. Mas apenas em 58 ela foi formulada de forma clara: “*A mídia talvez não imponha o que pensar, mas seguramente impõe sobre o que pensar*” (COHEN, 1963, p. 13). Publicado em 1972, o estudo de McCombs & Shaw deu início à segunda geração de trabalhos em agenda, uma espécie de aperfeiçoamento científico. Esta abordagem reservava aos *media* um papel de mediação simbólica entre o mundo real e os indivíduos. Desta forma, o entendimento das situações e fatos vivenciados, “a compreensão que as pessoas têm da realidade” seria oferecida pelos meios de comunicação de massa, com destaque para a mídia jornalística.

⁴ O trabalho realizado por Maxwell McCombs e Donald Lewis Shaw se chamava “The agenda-setting function of mass media”. A pesquisa, considerada o primeiro trabalho científico em agenda, foi realizada em 1968 e recebeu o nome de pesquisa Chapel Hill. O estudo abordou a influência dos *media* durante campanhas políticas nos Estados Unidos e foi publicado na revista *Public Opinion Quarterly*, volume 36.

⁵ No panorama das doutrinas em Ciências Sociais e do comportamento, a hipótese do *agenda-setting* surge com o declínio do Behaviorismo e a emergência da Psicologia Cognitiva. Já em relação aos estudos e formulação da chamada Teoria da Comunicação, a proposta de relacionar a agenda temática dos jornais e outros veículos de comunicação massiva com as agendas de indivíduos, grupos sociais e instituições se opõe ao modelo dos efeitos limitados, por sua vez, também uma reação à abordagem da seringa hipodérmica. Em outras palavras, enquanto o panorama de estudos da comunicação propunha uma abordagem integrada com outros fatores de influência, como a relação do indivíduo no grupo, os processos psicológicos intervenientes, as informações e dados preestabelecidos por cada um, os estudos de *agenda-setting* retornavam à abordagem de efeitos a curto prazo, impressos pela mídia em determinados públicos.



O efeito de agenda passa a ser relacionado a uma série de fatores, como o tipo de mensagem, o veículo usado, a existência de conhecimentos prévios da audiência sobre o tema, de forma a reduzir o determinismo do pressuposto inicial. Entre as conclusões, destacou-se, por exemplo, os diferentes poderes de agenda dos veículos jornal impresso e televisão. Nesta, os efeitos de agenda tiveram baixo detalhamento.

Apesar de fazer referência à televisão, sem distinção de gêneros, os estudos realizados até então tinham como objeto principal os conteúdos veiculados via telejornal, de caráter jornalístico e, mais precisamente, o material que poderia ser definido como factual. Esses trabalhos ainda estabelecem uma diferenciação quanto à abrangência das “agendas” existentes. Ao todo, seriam cinco tipos de agenda: intrapessoal, interpessoal manifestada, da mídia, pública e institucional. O poder de agendamento dos mídia estaria restrito a três delas: interpessoal, pública e institucional, sendo estatisticamente desprezível a influência da mídia na chamada agenda privada ou intrapessoal. Ainda hoje, contudo, a hipótese do agendamento não tem plena aceitação científica.

Ao longo dos anos, relativizou-se assim a hipótese inicial de que os mídia forneceria aos indivíduos e instituições a lista de assuntos com que se preocupar ou a sua agenda de temas. Segundo Traquina, a noção de agenda teria sido ampliada: “As notícias também nos dizem como pensar isso. Tanto a seleção dos objetos que despertam a atenção como a seleção de enquadramentos para pensar esses objetos são poderosos papéis do *agenda-setting*” (TRAQUINA, 1995, p. 30). As últimas pesquisas que estudam este paradigma chamam a atenção exatamente para a relação existente entre as agendas. De que forma a agenda oferecida pelos meios de comunicação de massa, notadamente pelos jornais impressos, cujo poder de agendamento já fora destacado em trabalhos anteriores, seria também influenciada por outras agendas, como a política, a governamental ou ainda a agenda das fontes/assessores de imprensa?

No caso da reflexão proposta neste artigo, interessa investigar a incorporação/ apropriação da agenda ficcional por outros gêneros e/ou esferas do campo midiático, especialmente o telejornalismo, como estratégia de comunicabilidade junto a seus públicos, como forma de investimento em uma recepção e/ou uso comum dos repertórios audiovisuais a construir laços de pertencimento e consumo coletivos entre emissores e audiência.

Adriano Duarte Rodrigues se refere a ações criadas em busca de uma visibilidade e posicionamento públicos. Estes seriam fatos apenas discursivos, na medida em que, ao



contrário dos acidentes da natureza, seriam regidos por pressupostos do mundo simbólico, “o mundo da enunciação. É sempre uma ordem ditada em função das dimensões associadas do querer-dizer, do saber dizer e do poder dizer” (RODRIGUES, 1993. p 29) . Nesta mesma perspectiva, se os veículos só exercem o papel de agenda na medida em que são considerados um ponto de referência para a estruturação da visão de mundo pelos indivíduos, em que têm credibilidade, como pensar então no poder de agenda de uma narrativa de ficção? Mais ainda: como analisar o embaralhamento das fronteiras real-ficção no âmbito da concorrência entre emissoras de TV?

Para isso, é relevante a reflexão sobre parecer verossímil. Embora telenovelas não tenham uma exigência de representação do que ocorre fora das telas em uma espécie de janela-espelho, há preocupação de que as narrativas devam ser credíveis. Não se trata aqui de retomar discussões filosóficas sobre essência e aparência, mas de reconhecer que a verossimilhança parece fazer parte do universo de preocupações dos autores de novelas. Embora não sejam assim, claramente, a expressão do real, as narrativas presentes em nossas telenovelas buscam guardar uma lógica análoga à do cotidiano, inclusive como forma de localização entre as narrativas ficcionais e a rotina de consumo e recepção dos telespectadores. Poderíamos dizer que possuem assim uma espécie de “credibilidade particular”. O “diálogo” entre cotidiano (real) e telenovela (ficção) é uma realidade algumas vezes ampliada pelas páginas dos nossos jornais, ou mesmo multiplicada pela inserção de matérias em telejornais.

A análise da cena/conteúdo expresso na telenovela *Duas Caras* (2008) e sua apropriação em outro gênero também “campeão de audiência”, o telejornal, não se trata de, numa análise que pode parecer primária, tentar evidenciar o momento de surgimento do tema na agenda dos indivíduos apenas a partir de sua inserção nos noticiários televisivos. O que nos motiva, para além das associações entre interesse (do) público e conteúdo midiático, é evidenciar uma vinculação entre a agenda da telenovela e a do telejornal, isto é, analisar a apropriação das telenovelas/tramas ficcionais na construção da chamada pauta jornalística. A relação entre os temas apresentados via telenovela e o noticiário na mídia brasileira, especialmente a impressa, já foi ressaltado em alguns trabalhos. Maria de Lourdes Motter, por exemplo, analisa a questão do agendamento a partir da análise de telenovelas como *Rei do Gado* e *Por Amor* (MOTTER, 1999, p. 2).

A relação ficção e realidade na cena da novela e na matéria do telejornal tem também implicações identitárias, neste caso, para os grupos sociais religiosos. A apropriação da cena e seu uso como estratégia de comunicabilidade na revista eletrônica “Domingo Espetacular” nos permite, ainda, analisar as relações discursivas que ocorrem dentro da própria mídia. Embora a telenovela seja apresentada como uma obra fictícia, sem relação com fatos verídicos ou pessoas reais, ela tem uma promessa de realidade, no sentido de que ela consiste em

uma dramatização e representação da vida cotidiana, com todos os seus problemas, conflitos, resoluções e comportamentos. Essa noção de que se trata de uma narrativa que conta ‘como a vida é’ atua como um fator que minimiza a distância entre o personagem e o ator, criando a ilusão de que se trata de uma história real. Este aspecto de veracidade é exatamente o que os telespectadores esperam do gênero” (ANDRADE, 2003, p. 58)

Jost afirma existir um contrato entre o receptor e o emissor, que ele chama de “modelo de promessa”, isto é, os produtos televisivos “prometem” algo ao receptor, a partir de seu próprio gênero. Isto significa que, ao assistir a um programa humorístico, por exemplo, já há uma promessa ao receptor de que ele deverá rir, alegrar-se. Este modelo contempla dois momentos, segundo Jost, pois em contraposição à promessa feita pelo canal, “o telespectador deverá fazer a exigência de que a promessa seja mantida” (JOST, 2004, p. 18).

Assim, “quando se estuda um programa de televisão, não se deve ficar restrito apenas à consideração do próprio programa, mas tem-se de estudar o que se fala a seu respeito, como se fala dele e o que se diz” (JOST, 2004, p.18). Isso pode ser feito em relação ao telespectador, mas, no caso deste artigo, buscou-se analisar a relação entre as esferas televisivas que, numa primeira instância, não estariam diretamente relacionados, como a telenovela e o telejornalismo, embora Coutinho (2003) já tenha defendido a tese da existência de uma dramaturgia particular ao telejornalismo, estruturado e recebido como narrativa do cotidiano.

Uma das limitações ao poder de agenda do jornalismo, apontadas nos estudos de *agenda-setting*, é a dificuldade de verificação de vinculações entre a agenda da mídia (jornalismo) e a agenda interpessoal. Porém, acredita-se que via diálogo com os conteúdos das telenovelas, seria possível aos telejornais ampliarem sua influência na esfera do consumo individual, ao qual parecem se dirigir as narrativas ficcionais. Afinal, o acompanhamento das telenovelas exigiria uma espécie de “afastamento” do mundo social, aliado a um “diálogo” com o



imaginário de cada telespectador, ao menos durante a exibição e “consumo” dos capítulos. O diálogo entre as agendas desta natureza foi proposto por Coutinho (2000):

Considerando a hipótese de as telenovelas atuarem sobre as agendas privada, intra e interpessoal, poderíamos buscar inclusive uma vinculação entre os conteúdos ficcionais e o chamado “interesse público”, que representa um dos principais parâmetros orientadores do jornalismo, incluindo o televisivo. Assim, ao funcionar como um indicativo para a constituição do interesse dos telespectadores, as telenovelas poderiam estar funcionando como definidoras da agenda dos telejornais. (...) Essa variação temática já indica uma aproximação entre os conteúdos expressos em telenovelas, em geral circunstâncias e relações vividas pelos indivíduos cotidianamente, e os assuntos, se não objeto principal da pauta do telejornalismo, ao menos constituintes quase obrigatórios de sua execução. (COUTINHO, 2000, p.6)

No caso das telenovelas exibidas pela Rede Globo de Televisão, à exceção das histórias de época, essa “interação” parece ser inclusive estimulada por meio do diálogo entre programas de entrevistas e entretenimento. Assim, é comum a referência a atores/ personagens e diálogos das telenovelas em outros espaços da programação, incluindo o jornalismo, com destaque para o “Jornal Hoje”, que tem um formato próximo a uma revista eletrônica. Observa-se, ainda, que esta vinculação entre tramas ficcionais e conteúdos de programas jornalísticos ou de entrevistas é maior no caso das novelas exibidas no horário nobre.

3. Engajamento audiovisual

Andrade refere-se ao fato de que as telenovelas, consumidas em larga escala em nosso país, “se caracterizam por engajar as audiências em suas narrativas, em certa medida, a partir de sua capacidade de abrir à discussão pública discursos emocionais e domésticos normalmente associados ao mundo privado” (ANDRADE, 2003, p. 62). Entretanto, elas também podem abordar assuntos da pauta pública, como trabalho, política, economia. A figura do senador Caxias e os integrantes do Movimento dos Sem-Terra em “O rei do gado” (1996-1997); o desaparecimento/sequestro de crianças (Explode Coração, 1995, Senhora do Destino, 2004-2005); a violência doméstica (Mulheres Apaixonadas, 2003; A Favorita, 2008); as drogas (Torre de Babel, 1998-1999, O Clone, 2001-2002), são exemplos disso. As abordagens surgidas geraram matérias jornalísticas em diferentes suportes: “o noticiário usa elementos do melodrama, apropriando-os da grade de telenovelas, e a telenovela, por sua vez, usa a trama jornalística para conquistar a audiência: um jogo de espelhos em que se evidencia a mistura de gêneros narrativos” (SOUZA JÚNIOR, 2006, p. 197).

Entretanto, essa intertextualidade ficção-realidade não significa, necessariamente, aprofundar a reflexão ou trazer mudanças sociais significativas, pois “pôr em pauta ‘problemas sociais’



em seus enredos não significa, necessariamente, repolitizá-los ou desenraizá-los dos discursos hegemônicos construtores das leituras preferenciais circulantes na sociedade” (ANDRADE, 2003, p.73). Ainda assim, o autor argumenta que a telenovela acaba por colocar em cena/discussão grandes temas sociais circulantes na sociedade brasileira.

Sua própria estrutura facilita esse processo: em capítulos, com uma duração média de 50 minutos por dia e oito meses de exibição, a telenovela permite retomar, rediscutir, atualizar tópicos de discussão. Outros programas, como o telejornal, por seu próprio gênero, ocupam menos espaço no ar e, desta forma, abordam de modo mais pragmático ou imediatista que a telenovela. Repercutindo na mídia jornalística, a novela, por sua vez, faz a ponte entre a ficção televisiva e o cotidiano do telespectador, colocando as opiniões deste e suas visões de mundo em evidência (diversas reportagens que repercutem novelas expõem a opinião do telespectador anônimo e também daquele que é formador de opinião, tais como os especialistas, líderes comunitários, políticos e religiosos, etc.). Desta forma, ao menos por um período, pode propor novas aproximações de temas circulantes na sociedade.

Ao mesmo tempo em que promove o engajamento do público para a discussão de temas em evidência, não se pode deixar de lado a perspectiva de que a telenovela também possui implicações identitárias.

Esse produto ficcional difunde discursos a partir dos quais o sujeito negociará a definição de si mesmo e do “outro”, estabelecendo uma hierarquia de valores e concepções muito dependente de influências advindas da mídia. A telenovela é responsável por elaborar e propagar modelos identitários que serão referência para o espectador, tanto quanto os bordões ou os acessórios usados por um determinado personagem (BRANDÃO e FERNANDES, 2007, p. 5)

Isso ocorre não apenas para o espectador como indivíduo, mas também nas configurações dos grupos sociais: “Os discursos construídos pelas telenovelas, ao produzir sentidos sobre o Brasil e sua realidade e ao suscitar identificações, colaboram na construção de uma identidade nacional. Se ‘a identidade é uma construção que se narra’ (CANCLINI, 1996, p. 139), ela também é elaborada pelas narrativas telenovelísticas” (FRANÇA e SIMÕES, 2003, p. 4).

Telenovela e religiosidade brasileira

Dentre os sentidos produzidos, há também uma percepção identitária do que seja o brasileiro enquanto ser religioso: “A religião e a religiosidade são fortes componentes da construção do *habitus moral* construído pela novela nacional no curso de seus 46 anos de diálogo com o

público” (JUNQUEIRA e TONDATO, 2009, p. 183). A Obitel detectou, em 2007, um percentual de 14% do total dos temas tratados em telenovelas envolvendo a religião. Isso ocorreu tanto de forma dominante quanto secundária nas tramas (JUNQUEIRA e TONDATO, 2009, p. 196-197). No caso da novela *Duas Caras*, o núcleo central estava na favela Portelinha, sendo que “a temática da religiosidade e espiritualidade surge nas práticas dos moradores da favela” (JUNQUEIRA e TONDATO, 2009, p. 202).

Na teledramaturgia brasileira, particularmente, a Global, há um acento histórico sobre o Catolicismo como religião hegemônica, o que remete à realidade do país, cuja maioria populacional ainda se declara como pertencente a este segmento. Entretanto, conforme as pesquisas demonstram, tem havido uma mudança e maior presença de outras expressões religiosas nas tramas novelescas. Essa representação inclui as religiões de ordem espírita (religiões predominantes em tramas como “A viagem” e “O profeta”, por exemplo), de origens africanas (por exemplo, em “Porto dos Milagres” o candomblé ocupava lugar central, embora estivesse presente o sincretismo religioso com o catolicismo, cf. FRANÇA e SIMÕES, 2003, p. 13); as evangélicas (alguns debates sobre a religião evangélica ocorreram em séries como “Decadência” e novelas como “Barriga de Aluguel” e “Duas Caras”) e também orientais (“O Clone” apresentou o islamismo e “Caminho das Índias” abordou o hinduísmo, ainda que numa perspectiva de realismo fantástico, próprio da autora de ambas as novelas). Também já ocuparam espaço nas tramas telenovelescas religiões ligadas ao esoterismo (*Eterna Magia*), entre outras. Não poucas vezes em que o tema da religião é abordado na teledramaturgia brasileira, isso ocorre na perspectiva do conflito:

Num país de grandes disparidades étnicas, é interessante perceber como (...) se projetam as dimensões místico-religiosas, que constituem uma temática nem sempre pacífica, como podemos vislumbrar em *O Pagador de promessas* (1988), explorando os conflitos entre a igreja católica e o candomblé, em *Decadência* (1995), uma ficção que problematiza a exploração da fé por um pastor evangélico, e em *A Muralha* (2000), uma narrativa situada no Brasil colonial, em que se exibem as tensões entre os índios e colonos, os cristãos novos e a Inquisição. (PAIVA, s/d, p. 8).

Esta variedade de presenças religiosas na teledramaturgia reflete as experiências sociais e culturais do povo brasileiro, cuja vivência religiosa é uma característica forte de sua composição. Também há que se levar em conta as consequências dos fenômenos diversos de globalização e a fragmentação presente nos processos da pós-modernidade. De qualquer modo, há um elemento constitutivo da cultura brasileira no qual a religião ainda ocupa papel relevante e a telenovela não pode esquivar-se deste fato. Devido à sua ampla audiência, ao gênero (que permite uma forma própria, profunda e contínua do tratamento dos temas) e à sua

inserção no dia-a-dia do brasileiro, a novela possui uma importância significativa em relação aos temas em pauta na discussão da sociedade, gerando, transformando ou sedimentando sentidos e isso inclui a religião.

Da ficção para o mundo do telejornal

A cena que analisamos foi ao ar no dia 12 de março de 2008 e, como citado, retrata a invasão de uma casa por uma turba de religiosos que agem de modo ensandecido. Propõe-se discutir como ocorre a apropriação deste conteúdo na construção do discurso telejornalístico por uma emissora concorrente. O recorte empírico constitui-se em matéria do Domingo Espetacular (TV Record) veiculada em 18 de março de 2008, com 10 minutos de duração. O programa se apresenta como uma revista eletrônica de variedades, tendo a linguagem do telejornalismo na composição, edição e exibição das matérias, ainda que haja importantes diferenças quanto ao formato/gênero do telejornalismo propriamente dito.

A fronteira realidade/ficção é anunciada pelo apresentador: “Uma novela, com personagens evangélicos, reacende uma antiga polêmica sobre o preconceito religioso no país”. A seguir, a outra apresentadora completa: “Neste fim de semana, uma das principais revistas do país mostrou as reações às cenas de uma novela em que os evangélicos são retratados como fanáticos”. Nesta cabeça de locutor, percebe-se claramente o elemento do conflito: “reacender uma antiga polêmica”; “preconceito religioso” e “fanáticos”. Esses enunciados trazem à memória do povo brasileiro uma série de eventos passados que são atualizados e ressignificados conforme o local de onde fala o enunciador e de onde o telespectador se coloca. Não se trata, portanto de uma escolha aleatória de palavras, pois

o sentido de uma palavra ou de um conjunto de palavras não existe em si mesmo; ele resulta das posições ideológicas presentes no processo sócio-histórico: *as palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência às *formações ideológicas* nas quais essas posições se inserem (BACCEGA, 1988, p.90).

Mais que apenas o discurso verbal, segundo Junqueira e Tondato (2009), enquanto construção narrativa, ‘Duas Caras’ busca uma aproximação do universo protestante, via cenário, figurinos e roteiros. É exatamente esta aproximação ou a interpretação dada pelo autor da novela à expressão religiosa protestante, o ponto de conflito trazido à tona pela matéria do Domingo Espetacular. A questão identitária transparece de forma acentuada pelo fato de que

nem todos os evangélicos se sentem representados pelo estereótipo novelesco, muito menos pelos discursos violentos expressos pela personagem Edivânia.

O problema dessa aguerrida disputa pela identidade evangélica persiste, quando se percebe que evangélico passou a ser categoria guarda-chuva, adotada pelos “de fora”, para designar indistintamente protestantes e pentecostais. Este procedimento costuma ser adotado, também, pelos grandes meios de comunicação, repercutindo, desta forma, o senso comum prevalecente na sociedade (BAPTISTA, 2006).

Por isso, ocorreria uma perda no impacto identitário desses grupos e em suas interações sociais: o empobrecimento das representações (cf. WOLTON, 1996, p.127), com maior risco de um nivelamento (normalmente por baixo) e da criação/manutenção de estereótipos cada vez mais sedimentados. Na matéria do Domingo Espetacular, vemos a emergência dessas questões identitárias a partir das reações dos evangélicos à cena da novela. São mostrados diversos blogs na internet que criticaram a Rede Globo. É informado que um grande número de evangélicos fez ligações para a central de relacionamentos da emissora para queixar-se do episódio. Por meio dessas informações, os evangélicos indignados e ofendidos são retratados, mesmo que não apareçam diretamente representados, nem suas falas sejam reproduzidas.

A presença de diversos líderes religiosos (a maioria, evangélicos, e inclusive um rabino), convocados a opinar sobre a cena, parece ter a função de abarcar as diferentes identidades evangélicas sob um denominador comum: o sentimento de perseguição por parte da novela e, por extensão, da Rede Globo. Não cabe aqui avaliar, é claro, se esse fato procede ou não. Mas é interessante perceber que a telenovela contribui, efetivamente, para reverberar socialmente tensões e conflitos religiosos que marcam a cultura e a identidade do povo brasileiro.

Esses líderes pertencem a instituições sólidas, historicamente calcadas (Igreja Batista, Presbiteriana, Assembleia de Deus, Metodista e Adventista), e, assim sendo, são guardiões da memória e da tradição. Isso tem um peso em grupos sociais que, como os religiosos, têm uma visão de si pautada pelo conceito de comunidade. Raquel Paiva comenta que “um dos propósitos básicos do ideal de comunidade é que nela o indivíduo encontra-se ligado, em relação. Deixa de ser aquele ser sozinho que a sociedade industrial produziu” (PAIVA, 2003, p.84). Esse ideal é também um discurso que promove a solidariedade. Frente a uma ameaça externa, as facetas identitárias distintas dos evangélicos podem ser esmaecidas e suplantadas por um discurso unificador, que elimina a diferença.

Em oposição à imagem do evangélico expressa na telenovela, os líderes argumentam em favor de outro estereótipo de evangélico, segundo eles, o legítimo: alguém que é tranquilo,

amoroso e tolerante, inclusive com aqueles “diferentes” de si mesmo. A novela é classificada por um desses líderes como *mentirosa*. Neste caso, quaisquer evidências que contrariem esse ponto de vista não são apontadas pela matéria ou pelos entrevistados. O risco de assumir uma posição identitária unilateral, como ocorre na matéria do telejornal, é apontado por Guareschi: “Quando essencializamos as categorias identitárias (...) tornamos invisíveis as condições de emergência das mesmas, as relações de poder que se dão no campo da cultura, implicadas na constituição das mesmas” (GUARESCHI, 2006, p.2).

A fala do representante do judaísmo é fundamental para estabelecer vínculos com outros grupos religiosos que, eventualmente, possam se sentir prejudicados na exposição midiática. Ele compara a novela ao nazismo, dizendo que Hitler também se utilizou de estereótipos para levar sua nação a odiar os judeus. Com o estabelecimento de um estado de horror, por um lado (uma perseguição promovida pela Rede Globo), cria-se um discurso aglutinador, por outro (todos os diferentes segmentos evangélicos unem-se contra a emissora na matéria jornalística).

São apresentados diversos especialistas das áreas do Direito, das Ciências da Religião e da Comunicação. Uma especialista em novelas diz: “Novela é coisa séria” e descreve de que formas esta interfere no cotidiano, promove polêmicas, introduz ou modifica valores, enquanto as imagens das cenas voltam a repetir-se na tela. Por fim, adverte: “É preciso tomar cuidado”, complementando que “no fundo, as personagens não são criadas ao acaso”.

Entretanto, nenhum ator, autor ou empresário da Rede Globo é entrevistado. As palavras de Agnaldo Silva, o autor, são extraídas de seu blog, cuja página é exibida com destaques para algumas frases. Há ainda uma retomada de outros trabalhos da Rede Globo sobre o universo evangélico, sendo apresentadas cenas da minissérie “Decadência”, na qual Edson Celulari representava um pastor evangélico corrupto.

A fala do povo aparece, por fim, num entrevistado não-identificado que diz sentir-se “atacado” pelas cenas da novela. A matéria é encerrada com outra fala do advogado, que cita novamente a Constituição, interpreta a lei e chega a encaminhar a sugestão ao telespectador de que o Ministério Público deve ser acionado para garantir os direitos supostamente feridos pelas cenas da telenovela.

O telejornalismo e a telenovela em confronto: ficção e realidade

A telenovela, como gênero, poderia ser descrita como uma narrativa diária, por meio da qual autor, diretores, atores e telespectadores compartilham experiências, ainda que com a mediação audiovisual. Por esta razão, os discursos, os elementos cênicos, a postura do corpo, as vestimentas e os gestos constituem uma *configuração de sentidos* a ser levada em conta. As falas e atitudes dos personagens evangélicos se tornam relevantes, pois

as palavras cumprem (...) o papel de manifestar o *eu* sempre em confronto com o *outro*. (...) Ao manifestar uma e não outra palavra (escolhida no universo de sua enunciação, no universo disponível de acordo com a classe social e outras variáveis), o homem está participando da construção (no sentido de mudança ou permanência) e emitindo sua reelaboração do universo que lhe foi entregue 'pronto', classificado, organizado pelos membros daquele grupo. Assim se reconfiguram ou se revolucionam estereótipos ou paradigmas. (BACCEGA, 1988, p.85-86)

A estereotipia é parte do processo de manutenção da ordem social e simbólica, simplificando e homogeneizando questões que poderiam ser conflitivas na sociedade. O que podemos perceber, na cena levada ao ar, foi um processo de estereotipização típico da pessoa religiosa na telenovela brasileira. Já houve diversas personagens, particularmente as femininas, cuja experiência religiosa é mostrada de forma radical. Veja abaixo, pela ordem, os personagens em sua caracterização televisiva: Edivânia (Duas Caras, Fig.1); Mariana (Paraíso, Fig. 2), Perpétua (Tieta, Fig.3); Ester (Caras e Bocas, Fig. 4).



Fig. 1.



Fig. 2.



Fig. 3.



Fig. 4.

Não é difícil observar certa padronização estética, gestual e discursiva entre as personagens, independentemente de se tratar de uma beata católica, uma evangélica ou uma judia ortodoxa. Há, assim, um imaginário acerca da pessoa religiosa, particularmente, da mulher, que envolve uma radicalidade contra a beleza, a sensualidade e a questão sexual, tida como um grande tabu. Em outros momentos, as personagens femininas religiosas manifestam outro comportamento: aparentemente recatadas num momento, elas podem se tornar extremamente

sedutoras em outro, colocando em xeque a ideia da castidade, que de modo naturalizado se atribui à mulher religiosa na sociedade.

Em contrapartida, vemos na matéria do Domingo Espetacular outra forma de estereotipia, na qual os conflitos religiosos são apagados pelo discurso da perseguição. Uma matéria da revista *Veja*, que serviu como roteiro para a produção da reportagem televisiva, teve como título: *Fogueira Santa* e o provocativo subtítulo: *Com os arroubos de uma fanática, a novela Duas Caras compra briga com os evangélicos*. Uma série de frases da revista foi usada pela matéria da televisão com o fim de justificar a relevância do tema, no que foi chamado pelos apresentadores de *perseguição* da Rede Globo contra os evangélicos.

Considerações finais

A repercussão da cena de *Duas Caras*, tanto na mídia impressa como eletrônica, nos mostra o potencial da telenovela para catalisar questões presentes na vida da sociedade e alçá-las a diferentes patamares de discussão e mobilização social. A telenovela oferece modelos e padrões de conduto que, pela repetição característica do gênero, podem ser consumidos como imposição. Além de diversas discussões possíveis, a novela também contribuiu para dar visibilidade diferenciada a grupos distintos, dentro do universo evangélico, que nem sempre encontram espaço na mídia e não querem ser identificados com o estereótipo neopentecostal.

Este exemplo coloca em cena as fronteiras tênues entre ficção e realidade nacional, e os processos de recepção e usos de uma mesma temática por gêneros audiovisuais distintos. Para perceber os impactos identitários daí decorrentes, é preciso pensar de modo mais aprofundado acerca da relação entre realidade e ficção:

para a compreensão do funcionamento discursivo do telejornal e da telenovela faz-se necessário afastar a simples oposição entre realidade e ficção, e buscar compreender os efeitos discursivos, com a observação das formações imaginárias e das condições de produção desses discursos. Para o profissional do jornalismo, a proximidade discursiva entre realidade e ficção na tevê propõe a reflexão sobre os limites do fazer jornalístico e a sua ancoragem em uma suposta realidade objetiva. Mostrar-se como um retrato da realidade, um relato de acontecimentos, não exige o noticiário de tevê de ser parte do espetáculo televisivo. (DELA-SILVA, 2008, p.98)

Em nossa análise, vimos como a representação da religião na telenovela possui um potencial de mobilização social, especialmente quando, a partir da polêmica, estabelece-se uma pauta para a mídia, pela qual o telespectador é confrontado com posições identitárias distintas e até mesmo contraditórias. “A presença da religião nas telenovelas, necessariamente pelo aspecto



da verossimilhança, contribui para a leitura dos conteúdos, sejam eles de contestação, sejam de manutenção do poder estabelecido” (JUNQUEIRA e TONDATO, 2009, p. 188).

Desta forma, a telenovela exerce um papel social, na medida em que coloca em evidência questões como a intolerância religiosa, o fanatismo e as representações sociais, que podem ou não ser acolhidas pelo público em geral e também pelo jornalismo. Esta intercessão discursiva permite perceber a mobilidade entre o real e o fictício na televisão, quando “situações fictícias vividas por personagens da telenovela dão origem a pautas para o noticiário, de forma a retomar discursos em circulação na sociedade, em determinado momento histórico” (DELA-SILVA, 2008, p.88). Analisar este fenômeno nos permite não apenas perceber a importância da telenovela na constituição discursiva e identitária de grupos sociais na realidade brasileira, como também perceber os processos pelos quais a produção de sentido se dá na relação entre teledramaturgia e telejornalismo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. M. B. de. **O fascínio de Sherazade: os usos sociais da telenovela.** São Paulo: Annablume.2003.

BACCEGA, M. A. **Comunicação e linguagem: discursos e ciência.** São Paulo: Moderna, 1988.

BAPTISTA, S. Palestra para o evento da WACC (World Association for Christian Communication), realizado na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil, apresentada no dia 08/07/2006 (não-publicado).

BARROS FILHO, C. de. **Ética na comunicação – da informação ao receptor.** São Paulo: Moderna, 1995.

BRANDÃO, M. C. e FERNANDES, D. de A. Representação da identidade negra na telenovela brasileira. In: **VII Encontro de Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Ficção Seriada.** São Paulo, Compós, agosto de 2007, p.2-15. Disponível em: http://www.compos.org.br/files/28ecompos09_Brandao_Fernandes.pdf, acesso em 07 de fevereiro de 2010.

CÁDIMA, F. R. **História e crítica da comunicação.** Lisboa, Edições Século XXI Ltda, 1996

COHEN B. C. **The press and foreign policy.** Princeton: Princeton University Press, 1963.

COUTINHO, I. M. A aplicação da Agenda Setting em conteúdos ficcionais: notas sobre o papel das telenovelas na constituição da pauta do telejornalismo. In: **Anais do XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** Manaus: Intercom, 2000. CD ROM.

_____. **Dramaturgia do Telejornalismo Brasileiro: A estrutura narrativa das notícias em TV.** São Bernardo do Campo: Umesp, 2003. Tese de doutorado.



DELA-SILVA, S. C. O telejornal e a telenovela: o discurso realidade-ficção. In: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Ano V, n. 1, p. 87-98, jan./ jun. 2008. Disponível em <http://posjor.ufsc.br/public/docs/158.pdf>, acesso em 09 de fevereiro de 2010.

FRANÇA, V. R. V.; SIMÕES, P. G. Porto dos Milagres: diálogo com a realidade social e construção de símbolos de pertencimento. In: **Intexto**. Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 9, p. 1-17, julho/dezembro 2003.

GUARESCHI, N. A mídia e a produção de modos de ser da adolescência. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 1, n. 30, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (trad. de Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro). 4. ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2000

JOST, F. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

JUNQUEIRA, L. e TONDATO, M. P. Religiosidade e desigualdades sociais nas telenovelas. In: LOPES, M. I. V. de (org.). **Ficção televisiva no Brasil: temas e perspectivas**. São Paulo: Globo, 2009 (Coleção Teledramaturgia), p.183-214

KEHL, M. R. e BUCCI, E. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo-Estado de Sítio, 2004.

MACHADO, A. Pode-se falar em gêneros na televisão?. **Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia**. Faculdade de Comunicação Social. PUCRS – Nº 10: 142-158, junho 1999

MCCOMBS, M & SHAW, D. **The agenda setting function of mass media**. Public Opinion Quartely, n.36, 1972.

MOTTER, M. L. **Ficção e realidade: a construção do cotidiano na telenovela**. São Paulo: Alexa Cultural, 2003.

PAIVA, C. C. de. As minisséries brasileiras: irradiações da latinidade na cultura global - tendências atuais de produção e exibição na indústria televisiva. Disponível em: <http://193.136.64.248/~bocc/pag/paiva-claudio-minisseries-brasileiras.pdf>, acessado em 08 de fevereiro de 2010.

PAIVA, R. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Mauad, 2003.

SOUZA JÚNIOR, W. Apropriações melodramáticas: o caso Pedrinho no Jornal Nacional e em Senhora do Destino. In: **Comunicação & Educação**. Ano XI, Número 2, maio/agosto de 2006, p. 197-206. Disponível em <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/Comedu/article/viewFile/5856/5201>, acesso em 02 de fevereiro de 2010.

WEAVER, P. H. As notícias de jornal e as notícias de televisão. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1993

WOLTON, D. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo, Ática, 1996.